



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação - FE

MILENA ALVES DE SOUSA

**Existencialidade batucadeira: Educação, Vida e vivência musical em
meio à percussão corporal no Instituto Batucar**

Brasília-DF 2019

MILENA ALVES DE SOUSA

**Existencialidade batucadeira: Educação, Vida e vivência musical em
meio à percussão corporal no Instituto Batucar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a conclusão do curso de Pedagogia e obtenção do grau de Bacharel em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Martins
Lima Pederiva

Co - Orientador: Prof. Dr. Murilo Silva
Rezende

Brasília, dezembro de 2019

SOUSA, Milena Alves de

EXISTENCIALIDADE BATUCADEIRA: EDUCAÇÃO, VIDA, E VIVÊNCIA MUSICAL EM MEIO À PERCUSSÃO CORPORAL NO INSTITUTO BATUCAR / Milena Alves de Sousa– Brasília, 2019.

29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília.

Faculdade de Educação, 2019

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva

Coorientador: Prof. Dr. Murilo Silva Rezende.

1. Perspectiva Histórico-Cultural; 2. Vivência musical; 3. Educação musical; 4. Música corporal; 5. Batucadeiros.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva. Orientadora. Presidente da banca

Professora Mestre Carla Patrícia Amorim- Instituto Batucar

Professor Mestre Roberto Ricardo Amorim- Instituto Batucar

Professor Dr. Murilo Rezende- Co-orientador – UNICEUB (Suplente)

Dedicatória

Dedico cada palavra aqui escrita Àquele que é a base para a existência de cada uma delas. Nada existe longe Dele, que é o próprio “ verbo que se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade,”(João 1.14a). Ao grande Eu Sou, que é a própria existência, mas que transcende o que existe dimensionalmente acessível a nós. Àquele que é “tudo em todos”(Colossenses 3.11b), “ pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos.”(Atos 17.28a).

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Romanos 11.36)

“A roda não pode parar!” (Ricardo Amorim)

Sumário

Convite	8
Pegadas.....	9
O passo no ritmo do batuque	11
Nada de truques, apenas ciência	13
Importância	16
Casa.....	19
Nosso céu estrelado	21

Convite

O que aqui se segue foi partejado da aflição de quem busca desesperadamente dar existência material a algo que ainda não existe, mas que se aloja como uma névoa de odor alucinante, pedindo com veemência que eu lhe traga à existência. Essa coisa sem nome e sem forma tem cor de emoção, mas quer ser pensamento, é quase uma ideia, um significado, mas, como ainda não foi costurada com nenhuma palavra, ainda não é nada, não existe de fato. Nem mesmo a palavra é palavra se não costurada a um significado (VIGOTSKI, 2007). Ambas só se constituem como unidade, o fonema, que é o conjunto de sons significados (VIGOTSKI, 2018). Essa Coisa¹, apesar de ainda inexistente, surge do que já existe, surge das vivências que carrego e que me carregam (VIGOTSKI, 2003), mas ela em si, é ainda potência.

A grande questão é que essa Coisa que me pede existência fala da minha existência. Sinto, sem saber de fato, ou sei por que sinto? (VIGOTSKI, 2004) Não sei ao certo se sei ou não, nem sei mais o que é saber, só sei que, se não fizer com que essa Coisa exista, uma parte da minha existência fica calada, e, sem ser palavra também deixa de existir, por conseguinte parte de mim deixa de existir. Como sou um todo, uma unidade (VIGOTSKI, 2003, 2018) esse todo sem uma parte já não é o que foi, logo eu já não sou.

Agora talvez, quem lê esse choro compreenda a minha aflição, escrevo aqui algo imprescindível para minha existência. A árdua tarefa que me foi confiada impõe um esforço desesperado de trazer essa Coisa, que ainda não é, à existência, costurando-a às palavras aqui escritas. Assim, em uma dialética, a Coisa dá significado à palavra enquanto a palavra traz à existência essa Coisa (VIGOTSKI, 2007).

Tendo já esclarecido tudo te convido pra entrar, já vou me desculpando pela bagunça. Sabe quando acha que perdeu alguma coisa e sai lançando tudo aos ares para encontrar? Perdi um monte de palavras por aí, e andei desvairada tentando encontrá-las, é que queria cumprir bem essa minha missão, mas sintase à vontade, vou passando na frente pra dar uma organizada e abrir o caminho para sentarmos e conversar. Vigotski já chegou e se sentou à mesa, Paulo Freire, Ricardo e Patrícia

¹ Algo que tenho consciência que me compõe, sem, no entanto, entender exatamente o que é. Esse trabalho é o relato dessa busca.

Amorim também, Patrícia Pederiva, Augusto Gonçalves, Saul Pequeno, Murilo Rezende, e muitos outros queridos.

Vamos andando e conversando, e convidando mais gente para nosso carrossel. Queremos conversar sobre as vivências dentro do Instituto Batucar, e entender como nós batucadeiros passamos a existir por essas vivências, e por meio delas desenvolvemos uma existencialidade, essa maneira singular de ser e estar no mundo. Existencialidade, surgida nas vivências, que não é de forma alguma estática, mas constantemente móvel, pois emerge da dialética na unidade entre pessoa-meio, que é a vivência. Se o meio é devir, e a pessoa, por conseguinte também, já que as relações estabelecidas nessa unidade estão sempre se reestruturando, a existencialidade, fruto dessa vivência, não pode fugir de seu caráter móvel.

Pegadas

Estive caminhando na trilha das folhas, não no meio do caminho, pois se o caminho não tem fim, onde seria o meio? Nesse caminho mesmo! Onde só se é no nós, (VIGOTSKI, 2003) o caminho da vida, onde a existência é essência, e é tudo em todos, é eterna (SPINOZA, 2009). Convidam-me a sentir, olhar, tocar, ouvir e degustar. Em síntese, convidam-me a conhecer. Escolho ficar perto e vejo parte, mas, tudo é parte, e todo também. No entanto, nada é sendo apenas parte, tudo só existe no todo. As partes são distintas, têm suas singularidades, mas, essas singularidades só surgem na relação, elas se constroem no todo.

Olhei no chão, havia pegadas. Alguns já haviam caminhado por ali. Observei seus caminhos, e de repente, percebi que não estava só no meu. Alguém estava ali comigo. Segurou minha mão e se pôs a conversar calorosamente, então perguntei “Como posso entender a existência de algo, sabendo que sua existência não se fecha apenas em si, mas que está na relação com outrem?” Ele gentilmente respondeu:

Debe cambiar los métodos de análisis de elementos por el método de análisis de unidades. Debes encontrar en estas unidades indivisibles que conservan las propiedades inherentes al todo como unidad, unidades en las que las propiedades se presentan de forma opuesta, y, con ayuda de este análisis, intentar resolver las cuestiones concretas que nos plantean. (VIGOTSKI, 2007, p.17).

Agradeço imensamente o valioso conselho. Agora percebo, que para analisar um fenômeno é preciso analisá-lo como unidade, já que as unidades menores presentes no todo carregam as propriedades desse. É, então, impossível chegar a conclusões concretas sobre o fenômeno sem tomá-lo como unidade.

Continuei caminhando, focada no meu novo olhar, que surgiu a partir do conselho valioso. Olhando o reflexo em uma poça de água na beira do caminho me vi. Mas, percebi que não estava só, carregava meus irmãos batucadeiros dentro de mim, eles que me compunham. Já não me olhava mais pelos meus olhos, mas pelos olhos deles, ou melhor, pelos nossos olhos. Nós nos olhávamos e nascíamos nesse olhar, passávamos a existir por meio dele. Um olhar inteiro, para tudo que somos, o todo que somos, a unidade (VIGOTSKI, 2003, 2018).

Quando olhei ao redor, havia outras pessoas um pouco longe, me horrorizei! Estavam cortando partes um dos outros! Esses outros achavam que só precisavam de suas cabeças. Amputavam as pernas para ninguém andar livremente e ir pra longe, os braços, pra não conseguirem se tocar, pois eles achavam que o toque doía, e o tronco lançavam fora porque era onde ficava o coração, eles não queriam que ninguém sentisse. E, ainda berravam ordenando que todos conhecessem o que eles determinavam que devia ser conhecido, porque se não, não seriam “alguém na vida”, ou seja não seriam ninguém, ou seja não seriam. Mas como conheceriam se não podiam mais sentir? E como conhecer sem antes ser?

Mas, nós, nos cuidávamos. Nós existíamos plenamente, porque éramos juntos, e nos permitimos ser inteiros. Cada um é parte dessa unidade que somos, pessoa-meio. E, ainda assim, cada um é um todo de partes que constituem a unidade de quem é, afeto-intelecto, biológico-social, corpo-espírito (VIGOTSKI, 2003).

Na atividade do fazer musical nos desenvolvemos, e nos tornamos livres, pois tomamos **consciência da unidade que somos**. Foi pela música em Nós que nos tornamos presentes, “Quer dizer, mais do que um ser no mundo, [...] se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”.” (FREIRE, 1996, p.10). Nós olhávamos, pensávamos e percebíamos aqueles outros, e entendíamos quem somos o nós em oposição.

Assim, o Nós existe, como “Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que

sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.” (FREIRE, 1996, p.10).

Tal presença extrapola o apenas estar no mundo, mas se expande para o ser no mundo, e assim significá-lo, repensá-lo e transformá-lo. A partir da consciência de nossa existencialidade, na unidade que somos com o mundo, nos tornamos presentes nele.

E, por isso, esse Nós é livre, pois é consciente de sua presença e resiste em sua existência que constrói coletivamente. Existimos materialmente, pois uma palavra carrega a nossa existência, Batucadeiros.

O passo no ritmo do batuque

Meus pés são raízes. Raízes profundas que nascem quando minha materialidade corporal nem se fazia presente ainda. Parte dessas raízes históricas se dão em 2001, quando Ricardo Amorim e Patrícia Amorim, junto a mais doze jovens da região administrativa do Recanto das Emas/DF, são unidos pelo desejo e a necessidade do fazer musical e, assim, “O Batucadeiros nasce da crença de um sonho possível: fazer música.” (AMORIM, 2016, p.86).

À época do nascimento do projeto, o Batucadeiros, com o propósito de superar a limitação da falta de recursos, encontrou na percussão corporal, um caminho possível, uma ferramenta alternativa, que, por fim, acabou se tornando eixo principal da prática musical do projeto Batucadeiros.

O Instituto Batucar nasce da radicalidade de um sonho comum, e da concretização desse sonho. Nasce do compromisso com a criação de condições sociais voltadas para a transformação da realidade opressora. (AMORIM, 2016, p.91).

Ainda da concretização desse mesmo sonho, está quem aqui escreve, um ser histórico, em pleno contentamento, uma dessas meninas batucadeiras que, desde a infância, encontrou abrigo nesse guarda-chuva para formar-se como um ser social e musical, consciente de si como ser de potência e, não de falta, tendo este processo indissociavelmente ligado ao coletivo que ali se reúne. Imersa em música, assim como todo ser humano, mas, desenvolvendo uma escuta atenta para percebê-la nos mais distintos espaços. Nesse coletivo pude me descobrir como um

ser histórico em pleno processo de rompimentos e continuidades na dialética constante do que é ser.

Como uma rama dessas raízes em mim, pela esperança que me deram as práticas educativas realizadas por Patrícia e Ricardo Amorim, aos quais amo profundamente, decidi estudar pedagogia.

Agora, a partir desse olhar para dentro, descubro o que desejo, e, na verdade, sou responsável por trazer à existência por meio dessas palavras. Vejo-me responsável por falar de nossa existência. De como nós, que estamos imersos naquele espaço, nos desenvolvemos, e como em coletividade, por meio das vivências, construímos uma existencialidade que transpassa todo o nosso ser e é perceptível nas diferentes pessoas que compõem aquele coletivo. Desde as crianças e adolescentes que vão para batucar, às senhoras que aprendem a ler no apoio pedagógico, os pais e familiares e bebês que participam do projeto Batuca Bebê (AMORIM, 2017), e até em voluntários, alguns que nem chegaram a batucar, a existencialidade de ser Batucadeiro, que emerge das vivências, constitui-nos.

A maneira de organizar o espaço educativo e musical é, certamente, primordial para a emergência dessa existencialidade, pela vivência da música. Alguém me toca o ombro com gentileza, e me diz que essa organização do espaço educativo e o espaço musical não existem separadamente, mas, música-educação são unidade (GONÇALVES, 2017).

Assim, é pela organização de experiências educativo-musicais, que acontece o desenvolvimento da musicalidade, e nesse processo, imprescindivelmente, se desenvolvem as corporeidades. Pensando o ser humano como unidade como nos mostra o Vigotski, a experiência da criação musical possibilita a vivência em plenitude de suas próprias existências, já que ali podemos viver como seres completos, corpo-mente. E por serem experiências estéticas que, como traz Vigotski, a arte é ferramenta das emoções, permite assim a vivência da unidade afeto-intelecto.

São processos de educação e reeducação. Pensando nos mais experientes na cultura, como os adultos presentes no espaço, de acordo com Vigotski (2003), partilham de processos de reeducação, já que sua estrutura psíquica já está formada, e só se reorganiza.

Para essa caminhada seguro na mão de Patrícia Amorim, Ricardo Amorim, Patrícia Amorim, Patrícia Pederiva, Augusto Gonçalves, Martinez, Saulo Pequeno,

Murilo Rezende, sem deixar de falar com Vigotski e Paulo Freire, fazendo alguns diálogos possíveis com Spinoza, entre outros generosos companheiros.

Nada de truques, apenas ciência.

Aquele que caminha comigo me presenteia com uma pequena caixa, abro com curiosidade e dentro encontro uma lente. “[...] o método (...) é o da unidade.” (VIGOTSKI, 2018, p.38). Ao olhar por essa lente consigo ver o todo em tudo. Mas, ainda meio confusa, lhe pergunto:

- Mas, o que seria, exatamente o método?

Ele me responde, “O método é um caminho, um procedimento.” (VIGOTSKI, 2018, p. 37). E continuou dizendo,

No sentido metafórico, entende-se por método o modo de investigação ou o estudo de uma parte definida da realidade; e o caminho do conhecimento que conduz a compreensão de regularidades científicas em algum campo. (VIGOTSKI, 2018, p. 37).

Entendo, enfim, como me será cara essa lente que recebi, e como me será necessária nessa caminhada que se inicia.

Já ia começando a dar os próximos passos quando ele me alerta,

Contudo, obviamente uma vez que cada ciência tem seu objeto de estudo específico, é necessário um método específico para o estudo de qualquer um deles. (VIGOTSKI, 2018, p. 37).

Então, qual seria, de fato, nosso objeto? Olho para o todo do coletivo do Batucadeiros, e para as unidades componentes desse coletivo, os indivíduos batucadeiros, quero mergulhar nessa relação. Mas, como entender algo tão intangível? Pergunto à minha ilustre companhia, ele responde, “[...] o psicólogo é levado a recorrer mais amiúde precisamente a provas materiais.” (VIGOTSKI, 1999, p.26), assim,

[...] mostrando que a ciência estuda não só o dado imediato e reconhecível, mas também toda uma série de fatos e fenômenos que podem ser estudados de forma indireta, através de vestígios, análise, reconstituição, e com auxílio de material que não só difere inteiramente do objeto de estudo como, amiúde, é notoriamente falso e incorreto em si mesmo.(VIGOTSKI, 1999, p.82)

Para nós, o objeto é a relação entre os indivíduos batucadeiros e o coletivo do Batucadeiros, ou seja, a vivência, que é a menor unidade entre pessoa-meio (VIGOTSKI, 2018).

Porém, não é possível reconhecer esse objeto diretamente, então recorremos a seu vestígio material, a existencialidade, que é a maneira de ser e estar no mundo, desses indivíduos, construída nas vivências com coletivo do Batucadeiros. Pois essa Existencialidade é a materialidade da relação entre pessoa-meio naquele espaço, é então, o resquício material dessa vivência, por isso recorremos a ela como o material do fenômeno de estudo.

No entanto, como disse Vigotski (1999) esse material “é notoriamente falso e incorreto em si mesmo.” (VIGOTSKI, 1999, p.82). Assim, essa existencialidade só pode ser considerada enquanto fruto da vivência, e nunca como um objeto isolado, pois, “a primeira característica da unidade consiste no fato de que a análise destaca partes que não perderam as propriedades do todo.” (VIGOTSKI, 2018, p.40). Por isso, só considerando-o como parte do todo pode-se perceber as propriedades desse objeto, propriedades tais, que surgem da unidade na qual o objeto se origina.

Vigotski ainda vai além, dizendo que essa Existencialidade também é uma unidade que participa da unidade maior que é a relação entre o social-individual, a vivência, “(...) a unidade é definida pelo fato de que é parte de um todo que contém, mesmo que de forma embrionária, todas as características fundamentais próprias do todo.” (VIGOTSKI, 2018, p.40).

Um exemplo de propriedade da Existencialidade que emerge da unidade maior da qual se origina, a vivência, é o fato de estar em constante movimento, pois está sujeita à relação entre o social e individual que sempre se reestrutura.

Toda essa especificidade de nosso objeto, e de nosso método impossibilita generalizações (VIGOTSKI, 2018). Por esse motivo, não almejamos, com esse trabalho, traçar modelos prontos, mas celebrar nossas vivências e nossas existencialidades que surgem como fruto dessas vivências. Dessa forma, legitimando nossa maneira de vivenciar a arte, vivenciar nossos corpos e nos colocar no mundo. Sabendo que a disposição de ser inteiro já é por si só um ato de resistência. A única reverberação que esperamos, humildemente, é que o contato com esse trabalho promova vivências aos leitores que os inspirem a viverem inteiros e se legitimar mutuamente em seus coletivos.

Agora sintetizando, o método é o da unidade, e baseado no fenômeno material, que se tornou objeto deste estudo, que é a Existencialidade de batucadeiro, dou o próximo passo rumo à metodologia, ou seja, os procedimentos.

Preocupo-me com guardar essa obra de ser apenas um truque pois “[...] o procedimento pelo procedimento, o procedimento tomado em si mesmo, não orientado para coisa nenhuma, não é procedimento mas um truque.” (VIGOTSKI, 1999, p.64) diz ele. Não permitiremos que tudo isso seja apenas um truque, toda essa obra e esse esforço é ciência.

Sendo assim, os procedimentos estão orientados pelo método e o objeto de estudo. Nosso objeto de estudo, a Existencialidade de batucadeiro, é devir, como já vimos, pois se constitui na dialética da menor unidade entre pessoa-meio, a *perejivanie* apresentada por Vigotski (2003, 2018). Segurando na mão de Ricardo Amorim (2016) dizemos que seria um crime utilizar qualquer metodologia convencional, pois elas são estáticas, por lidarem com objetos estáticos. Se o fizéssemos, transformaríamos toda essa obra em mero truque, e nossa existência o seria também, já que esse trabalho caminha para legitimá-la.

Então, decidimos subir, girar e brincar no “Carrossel Metodológico”,

”[...] com base na visão que temos de metodologia como um caminho que se faz caminhando. Neste novo caminho, busca-se trilhar por princípios que nos norteiam, mas, que, também, nos permitam a liberdade de criar ao longo dele.” (AMORIM, 2016, p.22).

Uma metodologia de devir em coerência ao objeto que constantemente vem a ser. “Assim, entendemos o caminho metodológico como um carrossel, que gira, se movimenta, sobe, desce ao som de uma música e que nos dá movimento.” (AMORIM, 2016, p.22). **A nossa existencialidade de batucadeiro é a música, e dançamos pelos procedimentos metodológicos ao seu som.**

Importância

*“COMO MEDIR A IMPORTÂNCIA DAS COISAS?
COMO SABER DA REAL IMPORTÂNCIA?
SE VER, SE SENTIR, SE SABER,
TE VER, TE SENTIR, TE SABER,
SABOR, DIVERTIR, NOS SABERMOS UNS AOS OUTROS.”*

Ricardo Amorim, Importância.

“Como medir a importância das coisas?” Que olhar é necessário para entender a real importância de cada coisa, a real importância de cada relação, e como essa importância se constrói? Se criamos hipóteses para os valores e pesos de coisas que não podem ser tocadas com as mãos, como saber se essa medida é a real? “Como saber da real importância?” A resposta também soa cantada, “Se ver, se sentir, se saber”. A existencialidade de cada pessoa carrega os valores e pesos da importância de cada coisa que a compõe, de cada relação que a concebe como ser.

Mas o navegar de questionamento ainda nos carrega para águas mais profundas. Como tocar a minha própria existencialidade?

“Te ver, te sentir, te saber”, responde melodicamente. É no toque do outro que cada eu se constitui, é no toque no outro que o nós se constitui, é tocando o outro que tocamos nossa própria existência. “Sabor, divertir, nos sabermos uns aos outros.”

Sabermos uns aos outros é sabermos de nós, sabendo de cada eu que compõem essa unidade que somos. Esse é o sabor da vida. É o divertir por se encontrar nos encontros.

Nas relações que estabelecemos uns com os outros, temos a capacidade de experienciar e nos autorregular e, desde a infância, nos desenvolver, nos educar. Ainda é necessário dizer que o processo educativo, a vivência dessas experiências, acontece durante toda a vida. (REZENDE, 2018, p.13).

É ser com consciência de ser. A consciência que nosso convidado nos apresenta. Não um saber intelectualizado, mas a propriedade auto reguladora do comportamento (VIGOTSKI, 2003, 2018). Com essa consciência não apenas estou, mas sou.

Os homens² são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão. Esta reflexão sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir. (FREIRE, 1987, p.60)

² Aqui lê-se pessoas.

E nesse caminho de ser, que pressupõe uma consciência que me organiza no mundo como ativa, participo da existência dos que são, não comigo, mas são em mim, e sou neles, por isso Nós Somos. Quando toma-se consciência de que Ser é coletivamente, urge uma responsabilização por todo o coletivo, pois não há Eu longe do Nós. Logo, cuido do Nós como cuido do Eu. E se antes não cuidava do Eu, agora cuido não por mim, mas pelo Nós, que é afetado pelo meu descuido de mim. Assim, a consciência dessa Existencialidade, propriamente coletiva, leva, necessariamente, ao cuidado, de si, por causa do outro, e do outro, por causa de si. E os comportamentos são regulados por esse cuidado.

[...] a própria experiência do cotidiano faz com que o indivíduo se adeque à coletividade, não existe mais o querer individual, e sim a necessidade do grupo, o estabelecimento de uma comunidade na ação coletiva que só é possível pelas experiências que todos tiveram. (REZENDE, 2018, p. 119).

Esse cuidado é a manifestação material do amor.

“E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição.”

Colossenses 3:14

Leia-se amor aqui não como algo metafísico, mas cuja materialidade é a ação. Ação essa que parte da consciência do coletivo em nós, consciência da própria existência, do eterno em nós. A consciência, por sua vez, produz a auto regulação dos comportamentos, com base na responsabilização pelo Nós que somos, que direciona à manutenção da liberdade para esse Nós.

Em nossa caminhada na luta pela concretização do sonho possível, a partir da transformação da realidade, pela ação colaborativa, estabelecemos como fundamento de nosso processo educativo, o amor partilhado, buscando a dignidade coletiva, fincada na amorosidade no diálogo. (AMORIM, 2016, p.99)

Portanto, esses atos de cuidado, que surgem pela consciência de nossas relações, são o amor. Todavia, ter o outro em mim e me ter no outro, não quer dizer, de forma alguma, que somos o mesmo. Pelo contrário,

As pessoas criam, mas não apagam a experiência anterior da humanidade. Tornam-se parte do fluxo do acúmulo histórico e da coletividade sem, entretanto, perder a sua singularidade em meio à comunidade. (PEQUENO, 2015, p. 96).

Cada um é singular em sua forma de ser e estar no mundo pois sua maneira de significar e dar sentido às experiências vividas é distinta criando diversas vivências, através de uma mesma experiência. (VIGOTSKI, 2018).

Vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia - a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa - e, por outro lado, como eu vivencio isso. Ou seja, as especificidades da personalidade e do meio estão representadas na vivência: o que foi selecionado do meio, os momentos que tem relação com determinada personalidade e foram selecionados desta, os traços do caráter, os traços constitutivos que tem relação com certo acontecimento. (VIGOTSKI, 2018, p.78).

Além disso, as experiências que são disponíveis para serem vivenciadas são diferentes para cada pessoa.

E o que diferencia um do outro são, exatamente as experiências que cada um tem na existência, o conhecimento e as relações humanas, além da oportunidade de vivenciar nas situações sonoras as quais cada um estivesse envolvido. (REZENDE, 2018, p.20).

O relato que segue é o meu caminho de “te ver, te sentir, te saber” para “se ver, se sentir, se saber”, assim, para me ver, me sentir, me saber, porque esse é o sabor da vida, é “sabor, divertir, nos sabermos uns aos outros”.

Casa

Parecia uma casa comum à primeira vista, entrei meio desconfiada. Logo antes de atravessar o portal senti aquele cheiro doce, mas suave, não daquele tipo enjoativo, que urge falsidade, mas, aquele tipo que se tivesse boca sussurraria ao pé do ouvido, *“Entra, a casa é sua!”*.

Sempre dizem isso, mas, no fundo, a gente sempre sabe que não é. A casa é de quem está oferecendo, e por mais que me ofereçam, ela só se torna minha quando eu sou de casa.

Um aspas aqui. O pertencimento ficou meio incompreendido porque, depois do dualismo cartesiano, se tornou um exercício de resistência ver de forma monista, como nosso Vigotski (1999, 2004, 2007, 2009, 2018, 2009, 2003) inspirado em seu Spinoza (2009). Acaba-se pensando tudo como unilateral, e mesmo quando

percebemos bilateralismos, não chegamos a plenitude da compreensão, propriamente histórico-cultural, de que a relação entre essas partes, não só precede a existência de ambas, mas, é constituinte da mesma (VIGOTSKI, 2018).

Assim, é uma grande descoberta entender o pertencimento como mútuo. De forma nenhuma, nos referimos aqui à ideia cruel de pertencimento própria da lógica capitalista de propriedade privada, que prevê uma figura agente de pertencimento, como um “pertencedor”, e imputa um papel passivo a uma das partes, o objeto “pertencido”. E que, de forma profundamente errônea, exclui o primordial fator da relação, que é a responsabilização. O que produz o discurso grotesco de que “é meu, então, eu faço o que eu quiser”. A esse movimento, por exemplo, deve-se a amplitude dos problemas ecológicos, hodiernamente.

Mas, a verdade é que não existe pertencedor, porque é tudo pertencido. Em uma unidade (Vigotski, 2018, 2003), os constituintes não existem longe dessa relação, portanto um pertence ao outro em uma dialética infinita. Relacionar-se é pertencer no ser pertencido. Daí surge o novíssimo conceito, “é meu então, eu cuido”.

E nessa dança de pertencer, quando dei por mim já era de casa e a casa já era minha. A nossa casa é casa de todo mundo que quer ser de casa, quem se doa pra ela também a tem dentro de si.

Entra, a casa é sua!

Nas vivências dentro do Instituto Batucar, nossa casa, identifiquei, então, de que era aquele cheiro convidativo, que é “tudo que a gente mais deseja, mesmo não sabendo bem do que se trata”, pois “tudo que é sorriso de felicidade, a gente encontra no mesmo lugar” (Crombie, Tudo no mesmo lugar). É cheiro de amor!

Cheguei no batucar buscando aprender a tocar piano. A primeira vez que me lembro de ver um piano, foi em um passeio com meu pai, para ver uma orquestra. Nós dois saímos de minha cidade rumo a Brasília para ver a apresentação. Foi emocionante quando a orquestra começou a tocar. Então, no meio da apresentação, um bebê começou a chorar. O maestro parou a orquestra e pediu silêncio e que a mãe com bebê se retirassem, pois o grupo havia ensaiado muito e merecia mais respeito.

Quando a mãe se levantou fomos embora também. Naquele espaço que não cabia uma criança pequena não poderia nos caber também, pois somos iguais em potência. Algumas perguntas ecoam a partir dessa experiência, por que aquele

maestro se via com mais direito a expressão sonora que aquele bebê? Por que tínhamos que sair da minha cidade para ter acesso àquela experiência sonora? Por que tínhamos que ser passivos ouvintes? Não éramos musicais o suficiente? A música não é para todos?

Talvez os mesmos questionamentos tenham ferido Pederiva (2009) quando ela compartilha que,

(...),a expressão musical por meio de instrumentos é considerada como domínio de raros “talentos”- visão que se faz presente na sociedade, de um modo geral, e, principalmente, no contexto das escolas de música especializadas e nos conservatórios - e o músico, o resultado de uma genialidade individualizada. (PEDERIVA, 2009, p. 177)

Encontrei o Instituto Batucar por meio de uma amiga querida, Rebeca Ferreira. Fui ao Instituto buscando o direito que aquele maestro da experiência anterior tinha reclamado, o direito ao fazer musical, eu queria aprender música. Mas, quando me tornei de casa ganhei algo muito mais precioso que aprender música. Ganhei a consciência de que a música já era minha, e que eu já era música. Na verdade, todos são música, inclusive pessoas que não podem vivenciá-la de maneira auditiva (PAULA, 2017).

Nosso céu estrelado

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Olavo Olavo Bilac³

³ Via-Láctea – XIII (1888), “Antologia: poesias”. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 37-55: Via-Láctea. (Coleção a obra-prima de cada autor).

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A mágica presença das estrelas!

(Mario Quintana)



Fonte: WhatsApp

Quero aqui convidar-te para ouvir estrelas, mas não quaisquer estrelas, daquelas que se vê com quaisquer olhos. Mas as nossas estrelas, as estrelas que nós batucadeiros criamos. Deixaremos que elas lhe falem.

Na nossa casa, temos um espaço, que agora é preenchido com arquibancadas laterais e frontais, e um palco de madeira no centro onde realizamos nossas apresentações. Já faz oito anos que a mesma tenda nos protege, nesse espaço, de sol e chuva. A falta de recursos exige que ela seja resistente e perseverante nessa sua missão. Por causa do uso, vários buraquinhos se fizeram em nossa tenda.

A falta de recursos financeiros é também a marca material das relações de opressão que permeiam as áreas periféricas, como a área geográfica onde nossa casa está. Parece uma tentativa de minar a existência desses sujeitos cuja “situação de opressão em que se “formam”, em que “realizam” sua existência, os constitui nessa dualidade, [opressor e oprimido] na qual se encontram proibidos de ser.” (FREIRE, 1987, p.18).

A situação material dessa relação de poder imprime marcas nessas existências, como a crença da despotência. Cada pessoa que adentra o Instituto Batucar apresenta suas próprias cicatrizes, expressas por discursos de incapacidade, “eu não sei”, “eu não posso”, “eu não consigo”, “eu não nasci pra isso”. A cada novo desafio que lhes é proposto, nas rodas de percussão corporal, nos encontros de apoio pedagógico, ou nas vivências com os instrumentos musicais, esses discursos aparecem, trazendo à tona a internalização da situação de opressão. Pessoas que tiveram a consciência da sua musicalidades podada, suas capacidades intelectuais deslegitimadas, e suas capacidades criadoras inibidas.

A auto desvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. (FREIRE, 1987, p.27).

A escolarização, em grande parte, tem contribuído para esses processos de despotencialização de pessoas, por invalidar a expressão de suas existências. Isso acontece por desconsiderar os processos de desenvolvimento, que são

essencialmente internos, inteligíveis e inquantificáveis (VIGOTSKI, 1999, 2003, 2018). Assim “Segundo a perspectiva histórico-cultural o processo educativo é inquantificável.” (PEQUENO, 2015, p. 11). Contrariamente a essa verdade, nos espaços escolarizados, o foco está nos produtos, como se eles expressassem, em completude, toda a complexidade do desenvolvimento.

Na sociedade escolarizada o produto pretende comprovar a capacidade, gerando a sua eterna dependência. Não há saber sem seu respectivo comprovante e quanto mais se acumulam comprovantes, supostamente acumula-se também mais saber. Enquanto isso, o processo é deixado de lado. A própria experiência do aluno com as informações que lhe são apresentadas tem pouco valor. Não há espaço para as escolhas das pessoas, para seus questionamentos, incômodos e contribuições autênticas. (PEQUENO, 2015, p.11).

Sendo assim, não há espaço para as próprias pessoas, não há espaço para suas existências.

E é esse meio, hostil às existências holísticas dos seres, que dificulta o acesso a recursos financeiros para instituições como o Instituto Batucar, que não visam a produtividade financeira, nem primam por produtos, mas pelos processos singulares, individuais e ao mesmo tempo coletivos de desenvolvimento, e ainda, atuam em situações de vulnerabilidades sociais, com os oprimidos, que tem suas próprias existências marginalizadas.(FREIRE, 1987).

Assim, os buracos na nossa tenda são a materialidade dessa relação de opressão. São a materialidade dessa relação de inadaptação e conflito, com um meio que rejeita nossa existência, e a combate.

Na maneira como é organizado o espaço educativo-musical no Batucar podemos, primeiro, perceber a situação material de opressão na qual vivemos, depois nos perceber como seres ativos, como uma unidade que partilha desse coletivo, e assim perceber que:

Se um homem exerce poder de alguma forma sobre outro, nada ele tem a mais que esse outro. Ele possui apenas dois olhos, duas mãos e um só corpo. O que ele possui a mais é apenas o poder que lhe é concedido por esse outro (...) (PEDERIVA, 2009, p.147).

Ou seja, como oprimidos, somos potencialmente capazes de desfazer as situações de opressão e começar o processo de constante libertação (FREIRE, 1978).

Além disso, meu amigo de caminhada diz que essa inadaptação ao meio, esse conflito constante com a realidade material apresentada é o combustível da potência criadora:

O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos. (VIGOTSKI, 2009, p. 40).

Assim, nossas crianças se deitam no chão da tenda e apreciam o céu estrelado que criaram a partir de suas necessidades, anseios e desejos, que surgem da inadaptação ao mundo apresentado.

Em cada apresentação que vamos e falamos de nós como as “crianças carentes” do Recanto das Emas, penso, “eles pensam que carecemos de quê? Se temos buracos na tenda, transformamos em céu estrelado. Se não temos dinheiro para violões, pianos e violinos, fazemos música com o corpo. Criamos até nossos próprios signos, o solfejo corporal⁴.” Criamos tudo o que precisamos, e nesse processo de criação nos tornamos mais inteiros, vivenciamos nossa humanidade (VIGOTSKI, 2009).

Nesse ato de tomarmos consciência da unidade que somos, a partir dos conflitos materiais que nos são apresentados pelo mundo, nos tornamos mais humanos, mais vivos e inteiros que os que têm todos os recursos materiais, mas não podem criar. Tem os instrumentos musicais, mas não podem ser música com todo o corpo. Ou os que têm um teto todo coberto, mas nunca terão seu próprio céu estrelado.

A pedagogia do oprimido como pedagogia humanista e libertadora, traz, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a transformação; segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia do homem em processo permanente de libertação. (FREIRE, 1987, p.18).

⁴ O solfejo corporal é um conjunto de signos criados coletivamente pelos batucadeiros, que carregam o significado dos sons do corpo.

Ouve agora o que dizem nossas estrelas? Isso é o que nos dizem as nossas estrelas, nos dizem que somos livres.

Referências

AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. **BATUCA BEBÊ: A educação do gesto musical**. Brasília, 2017, 150p. Dissertação de mestrado na Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.

AMORIM, Roberto Ricardo Santos de. **BATUCADEIROS: Educação musical por meio da percussão corporal**. Brasília, 2016, 174f. Dissertação de mestrado na Faculdade de Educação. Universidade de Brasília

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acessado em 01/07/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. **EDUCAÇÃO MUSICAL NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI: A UNIDADE EDUCAÇÃO-MÚSICA**. Brasília, 2017, 277p. Tese de doutorado na Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.na Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.

PAULA, Tatiane Ribeiro de. **Modos de vivência da musicalidade da pessoa surda**. 2017. 153 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **A ATIVIDADE MUSICAL E A CONSCIÊNCIA DA PARTICULARIDADE**. Brasília, 2009, 207p. Tese de doutorado na Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. na Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.

PEQUENO, Saulo N. F. **Educação, criação e autoria nas manifestações tradicionais das culturas populares: as manifestações da Festa do Divino de Pirenópolis – GO**/ Saulo Pequeno Nogueira Florencio. Brasília, 2015. 134 f. : il.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: Repercussões no campo educacional**. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2010a.

REZENDE, Murilo Silva. **A folia do Palmital: experiências que tecem a musicalidade**. Brasília, 2018. 153 p.

SAVIANI, Dermeval. **EDUCAÇÃO: do senso comum à consciência filosófica** - São Paulo : Cortez Editora : Autores Associados, 19860.

SPINOZA, Benedidus de, 1632-1677. **Ética / Spinoza** ; [tradução de Tomaz Tadeu]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia da Arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**: Edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Sete aulas de L.S Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**/L.S Vigotski: organização [e tradução] Zoia Prestes,

Elizabeth Tunes : tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana - 1. Ed. -Rio de Janeiro: E-Pepers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Teoría de las emociones**. Madrid : Ediciones Akal, S. A., 2004

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Pensamiento y habla**. 1ª ed. - Buenos Aires : Colihue, 2007.